



Uma escuta judaica: a música como processo espiritual

Uri Lam*

Congregação Beth-El | São Paulo, Brasil

urilam@gmail.com

Há uma câmara que só pode ser destrancada por lágrimas; e há uma câmara que só pode ser desbloqueada pela música.

(Tikunê Zohar)

A música sempre permeou, de forma muito especial, a vida judaica. Nos *Salmos*, por exemplo, encontramos diversos desses poemas magistrais permeados de referências à música. A maioria dos 150 poemas do livro é atribuída ao Rei David, personagem bíblico que sintetiza muitas facetas humanas: um homem astuto e que conta com a sorte; um guerreiro e um governante habilidoso; um amante dos amigos e das mulheres; um soberbo instrumentista, particularmente de instrumentos de corda, e um poeta. A música acompanhou David ao longo de toda a vida.

Quando os Templos Sagrados em Jerusalém ainda existiam – o primeiro construído há quase três mil anos e destruído cerca de 500 anos depois; o segundo, construído há mais de 2500 anos e destruído no ano 70 da Era Comum – os Levitas cantavam nas suas escadarias um salmo para cada dia da semana, fossem esses dias comuns ou feriados religiosos, provavelmente, sempre acompanhados de música instrumental.

Até os dias atuais, quando as pessoas vivenciam momentos de alegria ou de angústia, muitas se voltam para a leitura e para a recitação de salmos. Isso acontece porque, talvez, esses poemas, atribuídos a um homem de emoções tão complexas e variadas – embora provavelmente escritos a muitas mãos, por homens e mulheres de diversas épocas e sintetizados em um único e nobre autor, David – expressam tantas emoções que nos movem ou que desejamos que nos tirem do lugar em que estamos. O próprio estilo múltiplo dos salmos induz ao ritmo, ao movimento, à música. E, por sua vez, a música nos faz sair do lugar em que estamos, seja ele físico, emocional ou espiritual, estimulando-nos a seguir em frente.

Ao escutarmos os salmos, nós nos daremos conta de que em suas linhas Deus não exige nada de nós; Deus se coloca ao nosso lado, como nosso protetor e redentor. Isso não é música para os seus ouvidos? Para os meus, sim.

* Rabino da Congregação Beth-El.



A minha escuta, tão judaica, muito provavelmente construída e educada dessa forma por motivos culturais, faz com que eu escute os salmos nas vibrações e nas notas das minhas emoções e das minhas preces, com reverberações que parecem vir de um passado não tão distante, pré-Segunda Guerra Mundial, de algum vilarejo europeu. Este sempre me parece estar nas redondezas de Hotin, na Bessarábia – terra mais imaginária que real, para a minha formação como pessoa e como judeu – mais do que ao redor de Ostrolenka ou algum outro canto na Polônia. Se prestar ainda mais atenção, os sons dos salmos vêm ainda de mais longe no tempo e no espaço, na minha busca incessante pelo encontro com o Divino.

Os salmos não se identificam somente com as minhas emoções; suas palavras e seus movimentos em diversos idiomas se mostram universais e atemporais. Mesmo se nós os escutarmos em línguas que que não compreendemos e por meio de cantos com os quais não estamos familiarizados, sou levado a crer que eles podem dar voz às almas de um modo singular, difícil de ser encontrado em outras formas de expressão.

Em um manual sobre os salmos do Movimento Jewish Renewal, voltado à renovação da espiritualidade judaica em nossos tempos, lemos: “Coragem e raiva, medo e esperança, desespero e amor... tantas emoções se produzem dentro de nós. Lidamos com perguntas existenciais: qual é a coisa certa a fazer? Qual é a verdade? O que devo fazer se eu falhar? Como eu amo? E se eu não corresponder às expectativas?”

Uma das formas mais antigas que conhecemos de lidar com tantos sentimentos está nas palavras poéticas e musicais dos salmos. Quem quer que o tenha escrito, sem dúvida, soube traduzir uma ampla gama de questões e sentimentos humanos.

Trago como exemplo a leitura – ou o canto – de passagens de alguns salmos (versão de Reb Zalman Schachter-Shalomi z”l, com tradução minha):

Salmo 6:1-3

[Ao maestro – toque esta melodia uma oitava acima – Salmo de David]

Deus, por favor! Quando estiver irado, não me repreenda;
quando estiver furioso, não me castigue.
Seja bondoso comigo, estou tão fragilizado!
Deus, cura-me, meus ossos doem muito,
minha alma está tão confusa.
Deus, até quando isso vai durar?

Salmo 27:6:

E agora, enquanto Você mantém a minha cabeça erguida,
Apesar da presença dos meus poderosos inimigos,
Eu me preparo para comemorar e vibrar,
Cantando e fazendo música para Você, Yah!

Talvez o salmo mais “musical” seja o último:



Salmo 150

1 Halelu-YaH. Harmonizemo-nos com Deus em santidade:
Sejamos reverentes a Deus, que é Poderoso nos céus.

2 Destaquemos Deus por Seus atos poderosos:
louvemos a Deus por Sua generosidade.

3 Saudemos a Deus com sons de Shofar:
saudemos a Deus com cordas e harpas.

4 Dancemos para Deus com tambores e danças:
toquemos para Deus com órgãos e flautas.

5 Marquemos o ritmo com Deus com o retumbar dos pratos:
vibremos com Deus com o som dos pratos.

6 Que todos/as que respiram cantem para YaH: Halelu-YaH.

O Salmo 150 destaca os sons de instrumentos musicais diversos, de corda, sopro e percussão, somados ao ritmo, ao canto, à vibração e à dança como formas de se conectar com Deus. Em certo sentido, tudo que vai em torno das palavras pode se tornar ainda mais importante do que o sentido da própria palavra.

De acordo com Reb Zalman: “As palavras de uma *tefilá* (oração, reza) são um excelente veículo para se lembrar do *nigun* (a melodia sem palavras) – que, na verdade, é a parte principal!”.¹

O conceito de que a música, mais especificamente a melodia, é uma forma de expressão espiritual ainda mais importante e efetiva do que as palavras e do que as orações tradicionais, vem do fundador do Hassidismo, Rabi Israel Baal Shem Tov (1698-1750). Rebe Nachman de Breslav (1772-1810), outro dos principais pioneiros do Hassidismo, dizia que a vida comum poderia ser santificada por meio da música. Desde o seu surgimento até os dias atuais, o movimento hassídico se apropriou da música e da dança para expressar a mais profunda devoção e religiosidade judaica. Pode ter sido essa a época em que se configurou um “novo estilo” de música vocal judaica, o *nigun*, geralmente descrito como uma forma de expressão mais espiritual do que somente religiosa.

Apesar de ser parte essencial da cultura judaica *ashkenazi*, surgida com os judeus da Europa Oriental, o estilo de *nigun* conquistou muitos jovens judeus e também não judeus desde a década de 1970 do século 20, em um movimento que se estende até os nossos dias com ares de renovação espiritual. Uma possível explicação está na facilidade de ser memorizado e repetido; e, na própria repetição de poucas frases melódicas, torna-se uma espécie de mantra judaico. A sutileza do canto sem palavras em ambiente judaico se tornou, para muitos judeus, a opção caseira às tradições orientais, que se apresentam com uma aura carregada de espiritualidade, consciência

¹ ZALMAN, Rabi Zalman. *Wisdom from Reb Zalman: Embracing the Jewish Spirit*. New Rochelle, NY: Reclaiming Judaism Press, 2018. p. 96.



plena e paz. Os *nigunim* (plural de *nigun*) somam a tudo isso o êxtase e um “algo mais” que fala à alma judaica: o tom e o ambiente familiares a uma importante parcela da população judaica.

De certo modo, o *nigun* pode ser visto como a escrita feita com a tinta da alma judaica. O canto de *nigunim* tem, de fato, o efeito de congregar pessoas e reuni-las em torno de uma mesma vibração espiritual que, em geral, se feita sem preocupações com tempo, juízos de valor e outras censuras, pode levar a momentos de êxtase e de sensação extrema de alegria. Podemos imaginar que esse é o contexto no qual Rebe Nachman de Breslav cunhou uma das suas máximas mais famosas: “*Mitzvá Gdolá Lihiot Bessimchá*”, que pode ser traduzido como: “Trata-se de uma boa ação enorme entrar em estado de felicidade” ou, de modo mais simples e direto: “Ser feliz é uma importante obrigação”.

Nos tempos modernos para o povo judeu – o recorte que faço é a partir da criação do Estado de Israel, quase na segunda metade do século 20 – a música judaica foi influenciada, de certa forma, pelo que se chama de Kibutz Galuiot, a reunião das diásporas do povo judeu. Desde a inclusão de melodias influenciadas pelas canções israelenses de então nos serviços religiosos sinagogais, passando pela mudança na pronúncia do próprio hebraico: antes mais *ashkenazi*, agora com pronúncia mais sefardi, dada a escolha desse estilo de pronúncia no Estado de Israel. O hebraico permanece como referência principal quando se fala de música religiosa, mas o fato de muitos judeus agora viverem nos EUA – cerca de 40% dos judeus do mundo – leva também à produção significativa de música religiosa bilíngue hebraico-inglês ou somente em inglês.

A influência da música pop ocidental também se faz sentir na nova música judaica, misturando-se aos *nigunim* hassídicos, ao som de guitarras, teclados e instrumentos de percussão. Vemos isso na música do rabino Shlomo Carlebach e da cantora Debbie Friedman, entre outros, claramente influenciados pelos estilos country, rock e até mesmo gospel norte-americano.

Nos dias em que escrevo estas linhas, reflito sobre até onde, no Brasil, somos influenciados por essas diversas tendências e até onde a música judaica com uma vibração mais espiritual se reflete em práticas religiosas de fato mais espiritualizadas; ou se somente ficamos na forma, sem absorver o que há de mais profundo nesta construção musical tão inclusiva, que envolve *nigun*, música oriental indiana, sons de influência budista e de outras tradições milenares ao redor do mundo, somados ao country, rock e gospel. Na profusão de sons e misturas, as palavras se desfazem cada vez mais, fazendo com que o *nigun*, a melodia sem palavras, seja cada vez mais sutil, cada vez mais anímico, cada vez mais espiritual.

A reflexão que faço, por fim, é que assim como um dia as orações faladas substituíram os sacrifícios de animais para o estabelecimento da conexão judaica com Deus, quanto tempo ainda levará para que as orações faladas e recitadas sejam



substituídas plenamente ou quase completamente pelas melodias que não precisam mais de tradução para que qualquer pessoa em busca de conexão com o mundo espiritual possa entendê-las e praticá-las? Talvez esse seja o dia em que, nas palavras da oração litúrgica judaica *Aleinu*, “O Eterno será Um e o Seu Nome, Um”.

Recebido em: 03/03/2020.

Aprovado em: 13/03/2020.